

2003/11/16

A NOVA MARINHA AMERICANA. FICÇÃO OU REALIDADE?

Alexandre Reis Rodrigues

Dentro de alguns anos, parte significativa da Marinha Americana terá uma configuração bem diferente da actual, com as actuais fragatas, destroyers e cruzadores [1] substituídos por três novas classes de navios, construídos segundo novos requisitos e filosofias de emprego.

Três aspectos fundamentais prevalecerão no desenvolvimento em curso das respectivas especificações. Redes informáticas avançadas ligarão os sensores, as armas, os navios e os campos de batalha – marítimo e terrestre – tirando partido das enormes capacidades das tecnologias informáticas disponíveis no mercado. Um maior recurso a um desenho modular de construção permitirá possibilidades alternativas de reconfiguração operacional e melhores hipóteses de modernização e manutenção dos sistemas instalados, permitindo maior flexibilidade de emprego e de prontidão. A cobertura dos sensores de bordo e o alcance das armas serão estendidos a maiores distâncias, pelo recurso intensivo a novos veículos não tripulados, para operar acima, debaixo e à superfície da água.

Parte importante dos conceitos e capacidades a adoptar terão a ver primariamente com a necessidade de a marinha se equipar melhor para operações nas proximidades do litoral. Enquanto ao primeiro navio, o Litoral Combat Ship (LCS), caberá a missão de ganhar e sustentar acesso à área, o segundo, o Advanced Land Attack Destroyer (DD(X)) irá, fundamentalmente, explorar a disponibilidade desse acesso para projectar poder sobre terra. O terceiro (CG(X)), finalmente, assegurará defesa aérea de teatro, incluindo protecção anti-mísseis balísticos.

O LCS será um navio muito rápido e pequeno calado, que proporcionará continuada vigilância, seguimento e pronto ataque às ameaças mais prováveis nas proximidades das costas. A arquitectura dos seus sistemas de combate será aberta de forma a poder acomodar diferentes tipos de módulos, conforme os requisitos de cada situação e variados tipos de veículos não tripulados com sensores e armas, para operar no mar e em terra. Neste último campo está já prevista a integração de um veículo de caça de minas (Remote Minehunting System) um veículo aéreo de lançamento vertical (VT-UAV) e ainda um outro para operar na superfície. A ideia de construção modular, como se sabe, não é de forma alguma original. Na construção das nossas fragatas da classe “Vasco da Gama” também foi utilizado um conceito com contornos semelhantes, mas o que a marinha americana parece pretender é qualquer coisa mais parecido com o conceito de “Flex-Ship”, desenvolvido pela marinha dinamarquesa nos anos oitenta, para navios de pequenas dimensões, mas que nunca chegou a ter mais geral aceitação. Espera-se que os primeiros módulos a desenvolver serão para a guerra de minas, guerra de superfície e anti-submarina. Virão, subsequentemente, os módulos de vigilância e reconhecimento.

O DDG (X) disporá de duas peças de artilharia (Advanced Gun System) com um alcance de cerca de 180 quilómetros e entre 60 a 80 células de lançamento vertical de mísseis, incluindo o Tomahawk, com alcance de 1.800 quilómetros sobre terra, e mísseis de defesa aérea. Será um navio com reduzida assinatura radar, acrescida capacidade de sobrevivência a ataques e, como o LCS, com diversos tipos de veículos não tripulados. Embora essencialmente desenhado para projectar poder sobre terra disporá, paralelamente, de uma forte capacidade anti-submarina, incluindo sonar rebocado, mais eficazes medidas anti-torpédicas e anti-minas.

O CG (X), o último navio a entrar ao serviço, estará principalmente vocacionado para a defesa aérea, quer no âmbito puramente marítimo da esquadra em que estiver integrado, quer num âmbito regional para protecção de cidades e países, quer ainda como elemento do escudo de protecção anti-míssil de protecção do território americano.

A Marinha Americana planeou a aquisição de 56 LCS, 25 DD(X) para os próximos quinze anos ao que se seguirá o processo de aquisição de 24 CG (X), durante um período de dez anos. Para esse efeito, será necessário que o orçamento para novas aquisições passe dos 6 biliões de dólares que teve em 2001 e 2002, para cerca de 12 biliões. Este montante não foi atingido em 2003, embora tenha estado próximo, mas em 2004 e 2005 haverão disponíveis 14 biliões. O que serão as disponibilidades financeiras finais para a totalidade do projecto ainda não está clarificado, porque a situação actual poderá obrigar a restrições não previstas anteriormente. Falta igualmente uma actualização do custo estimado de cada navio que se estima poder ser substancialmente superior aos inicialmente previstos (220 milhões para o LCS e 1.2 a 1.4 biliões para o DDG (X)). De ambas as coisas fica dependente a possibilidade de se virem a construir, conforme pretende o actual CNO,

cinco LCS e dois DDG (X) por ano, em vez de três destroyers da classe “Arleigh Burk”, que ainda constam dos actuais planos de construções. Em qualquer caso, está iniciado um processo de transição que a médio prazo alterará radicalmente a face da Marinha Americana.

[1] Incuem os cruzadores da classe “Ticonderoga”, os destroyers da classe “Arleigh Burke” e “Spruance” e as fragatas da classe “Oliver Hazard Perry”.

26 TEXTOS RELACIONADOS:

2012/06/18

O DUPLO USO E A COOPERAÇÃO NOS ESPAÇOS MARÍTIMOS[1]

José Afonso Galrito[2]

2012/01/26

THE VIRTUES OF DEBATING DEFENCE POLICY

Tiago Fernandes Mauricio[1]

2011/12/05

A PIRATARIA MARÍTIMA NA SOMÁLIA[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/12/04

QUO VADIS ESTRATÉGIA MARÍTIMA EUROPEIA?[1]

José Rodrigues Pedra[2]

2011/10/30

O SENHOR MINISTRO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA E A SALINIDADE DAS ÁGUAS

José Castanho Paes[1]

2011/10/13

AS OPERAÇÕES PSICOLÓGICAS E A GUERRA DE SUPERFÍCIE

Alexandre Rabello de Faria[1] e Marcus de Azevedo Braga[2] (Brasil)

2011/02/21

MARINHA DE DUPLO USO: UM CONCEITO PÓS-MODERNO DE UTILIZAÇÃO DO PODER MARÍTIMO[1]

Nuno Sardinha Monteiro e António Anjinho Mourinha[2]

2010/07/14

FORÇAS PARA O BEM[1]

Nuno Sardinha Monteiro[2]

2010/03/14

A SOBERANIA DOS ESTADOS E O MAR - A REALIDADE PORTUGUESA[1]

João Pires Neves[2]

2009/12/05

SÍNTESE GEOPOLÍTICA E GEOSTRATÉGICA DO PODER NAVAL PORTUGUÊS [1]

João Brandão Ferreira

2007/05/06

A GNR E O MAR TERRITORIAL (VERSÃO INTEGRAL DO ARTIGO PUBLICADO NO JORNAL PÚBLICO DE 5 MAIO)

Alexandre Reis Rodrigues

2007/04/20

ESTARÁ A TROPA INGLESA DE BOA SAÚDE?

João Brandão Ferreira

2007/04/14

CONHECIMENTO, USO E CONTROLO DO MAR PORTUGUÊS

José Castanho Paes

2007/01/09

O NAUFRÁGIO [1]

Alexandre Reis Rodrigues

2006/06/01

REEQUIPAMENTO ADIADO

João Ferreira Barbosa

2006/01/17

O EMPREGO DO PODER NAVAL NO SÉCULO XXI

Alexandre Reis Rodrigues

2005/12/28

O QUE SE PODE ESPERAR DA NOVA MARINHA AMERICANA

Alexandre Reis Rodrigues

2005/10/09

O MAIOR PROGRAMA DE CONSTRUÇÃO NAVAL DESDE A 2ª GG

Alexandre Reis Rodrigues

2005/07/27

MÍSSEIS TOMAHAWK PARA A MARINHA ESPANHOLA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/08/04

DE NOVO OS SUBMARINOS

Alexandre Reis Rodrigues

2004/06/03

O NOVO NAVIO PARA OPERAÇÕES NO LITORAL

Alexandre Reis Rodrigues

2004/05/21

CARACTERÍSTICAS DAS ESTRUTURAS DAS FORÇAS NAVAIS MULTINACIONAIS

António Silva Ribeiro

2004/01/19

A ESTRATÉGIA NAVAL PORTUGUESA

Alexandre Reis Rodrigues

2004/01/08

A MARINHA AMERICANA – PLANOS DE NOVAS CONSTRUÇÕES

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/31

NOVAS FRAGATAS PARA AS MARINHAS FRANCESA E ITALIANA

Alexandre Reis Rodrigues

2003/10/25

NOVOS PORTA-AVIÕES NA EUROPA

Alexandre Reis Rodrigues